

NÓS, OS SETE BILHÕES, E A ARTE SOB UM OLHAR ECOSÓFICO

WE, THE SEVEN BILLION, AND ART IN AN ECOSOPHICAL POINT OF VIEW

Giovana Bianca Darolt Hillesheim

Mestre em Artes Visuais pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Professora do curso de Artes Visuais da Universidade para o Desenvolvimento do Vale do Itajaí (UNIDAVI)

E-mail: giovanabianca@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão acerca do papel da arte no século XXI, momento em que a população mundial chega aos sete bilhões de pessoas. Partindo de um ponto-de-vista ecológico, busca mapear as confluências na mudança de paradigma ocorrida na física e na arte, mostrando uma concepção sistêmica de mundo. No intuito de dar consistência e apontar indícios do novo paradigma, descreve a estética relacional como arte de vanguarda alinhada com o pensamento em rede, colaborativo e interdependente apontado pelo físico Fritjof Capra e pelo filósofo Félix Guattari como comportamentos imprescindíveis para a sustentabilidade do planeta.

Palavras-chave: Estética Relacional. Visão Sistêmica. Ecosofia. Sustentabilidade

ABSTRACT

The article presents a reflection on the role of art in the twenty-first century, when the world population reaches seven billion people. From an ecological point of view, it seeks to map the confluences in the paradigm shift that occurred in physics and art, showing a systemic worldview. In order to provide consistency and point evidence of the new paradigm, it describes the relational aesthetics as *avant-garde* art aligned with the network thinking, collaborative and interdependent appointed by the physicist Fritjof Capra and the philosopher Félix Guattari as an essential behavior to the sustainability of the planet.

Key-words: Relational Aesthetics. Systemic Vision. Ecosophy. Sustainability.

1 POPULAÇÃO E CONSUMO

O crescimento da população e a influência da atividade humana dos recém-contabilizados pela ONU (Organização das Nações Unidas) sete bilhões de pessoas têm causado alarme e previsões sombrias não somente em ambientalistas. Apesar da relativa desaceleração do crescimento populacional nas últimas décadas um número cada vez maior de pessoas se pergunta: haverá alimento suficiente para todos num futuro próximo? Como não arruinar o meio ambiente? Como impedir o aumento da violência tendo em vista a alta competitividade gerada pela escassez de recursos?

Embora a taxa de crescimento populacional apresente declínio, a atividade humana tem causado mudanças cada vez mais agressivas no clima, trazendo o foco de preocupações para os padrões de consumo da população. Somos sete bilhões de consumidores: consumimos alimentos, equipamentos, serviços, informação, diversão, arte.

Nossos hábitos de consumo carregam em si um ritual de acúmulo de bens e produção de resíduos. Ambos, acúmulo e resíduos, se formam a partir daquilo que adquirimos, mas não aproveitamos. A priori, as coisas que não aproveitamos tendem a se juntar a outras formando o acúmulo; ou são descartadas e consideradas resíduos, resquícios do que consumimos. Tudo que estiver no mundo com o intuito de ser consumido corre o risco real de virar lixo em algum tempo, inclusive a arte.

Propomo-nos a pensar aqui em outra possibilidade de arte, que fuja da esfera do consumo, portanto que não possa ser acumulada, nem tampouco transformada em resíduo. Abordamos a arte enquanto possibilidade de encontro, de convívio; uma arte que instaure acontecimentos, deslocando e construindo espaços participativos, reinventando formas diferentes de relações para que possamos passar a nos ver não mais como sete bilhões de habitantes do mundo, e sim como sete bilhões de componentes de um sistema ao qual chamamos de mundo.

Os conceitos que traremos para esta discussão são “estética relacional”, “visão sistêmica” e “ecosofia”. Estética relacional é um termo do campo da arte cunhado pelo francês Nicolas Bourriaud (2009); refere-se à arte cujo processo criativo preocupa-se com a subjetividade do outro, suas formas de recepção e descontinuidades. Uma resposta à vinculação da arte ao consumo é pensada por Bourriaud através de um olhar mais atento ao processo de produção artístico de alguns artistas que eclodiram a partir do final dos anos 90. Bourriaud teorizou acerca das práticas destes artistas observando que as mesmas estavam

centradas em intervenções sociais e, como tais, prescindiam de uma relação mais estreita e peculiar entre artista e público. Concomitante ao mapeamento dessas novas obras de arte surge o que ele chama de “estética relacional”.

A “visão sistêmica” é uma terminologia oriunda da física, questiona nossas relações com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida a qual fazemos parte; a temática será abordada sob o ponto de vista do físico austríaco Fritjof Capra (2004), que propõe repensar o processo de criação de nosso próprio futuro partindo do pressuposto de que não somos simplesmente *seres* vivos, mas *sistemas* vivos, totalidades integradas e organizadas em rede.

Como elo entre a estética relacional e a visão sistêmica, faremos uso da “ecosofia”; o termo permite esta audaciosa aproximação, uma vez que articula o que Guattari (1990) chama das três ecologias: a ecologia do meio ambiente, a ecologia das relações sociais e a ecologia humana. O novo olhar é, segundo Guattari (1990), uma resposta eficaz à atual crise ecológica:

não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 1990, p.9).

Uma atitude ecosófica nos impulsionaria a trabalhar *com* o outro e não *para* o outro, desenvolvendo práticas que modifiquem e reinventem nossa maneira de ser, nossa relação com o corpo, com a natureza, a família, o trabalho, a vida, a morte, a arte. A palavra chave que transpassa a estética relacional, a visão sistêmica e a ecosofia é *relacionar-se*. Na complexidade do mundo que vivemos nada se faz isoladamente; é preciso estabelecer relações saudáveis, portanto ecológicas, com o outro, compondo um verdadeiro sintagma, no qual o conjunto tem mais força que qualquer elemento atuando isoladamente.

2 REALIDADE E PERCEPÇÃO: CONVERGÊNCIAS ENTRE FÍSICA E ARTE.

No prefácio à edição brasileira do livro de Fritjof Capra “A teia da vida” (2004), Oscar Motomura ressalta que, para Capra, nosso problema de percepção existe porque ficamos tentando reconhecer as coisas novas que a vida nos apresenta. “Muitas vezes quando estamos tentando reconhecer algo a nossa frente, o processo é interrompido por um ‘enquadramento’ daquilo em relação a alguma coisa já armazenada em nosso arcabouço

mental”. (MOTOMURA in CAPRA, 2004, p. 14). Essa busca nos faz rotular as coisas e nos impede de desvendar o inédito, acarretando julgamentos precipitados e muitas vezes equivocados; nessa ótica acreditamos que a visão do outro está fora da realidade.

Acerca desta expressão a princípio tão banal “fora da realidade”, o próprio Motomura aponta uma nova física que se pergunta à que realidade estamos nos referindo: “De que realidade estamos falando no nosso dia-a-dia? A realidade do que já está acontecendo...a realidade que ainda está latente, do que ainda é possível, do que ainda podemos criar se quisermos?” (MOTOMURA in CAPRA, 2004, p. 15). As preocupações de Motomura, aguçadas por Capra, dizem respeito às nossas prioridades enquanto seres humanos. É prioritário compreender a realidade? Para Motomura podemos substituir esta busca por uma busca mais refinada, uma compreensão da própria vida.

A partir desse ponto inicial, quando a ciência começa a questionar o que entendemos por realidade, admitindo que os humanos têm maneiras diferentes de perceber o que se convencionou chamar de realidade, as proximidades entre ciência e arte começam de fato a emergir. A teoria sistêmica, ou visão sistêmica, propõe um aprimoramento dessa percepção para que possamos reconhecer que diferentes problemas estão inter-relacionados e que as únicas soluções viáveis são as soluções sustentáveis e interdisciplinares.

Pensar a sustentabilidade de maneira sistêmica implica a revisão drástica do obsoleto pensamento mecanicista que considera o universo como um sistema mecânico, o corpo humano como uma máquina, a vida em sociedade encarada como uma luta competitiva pela existência e a arte um elegante anestésico estético. Uma sustentabilidade de fato sistêmica, portanto ecológica, traz perguntas profundas sobre nossa visão de mundo há tempos orientada pelo capitalismo e suas tendências autoafirmativas. No capitalismo impera um pensamento racional, analista, reducionista e linear a fim de garantir valores que sirvam ao acúmulo e expansão de capital, gerando competitividade, dominação e consumo.

A percepção de realidade com base sistêmica busca o equilíbrio ambiental, social e subjetivo, valoriza a junção do pensamento autoafirmativo às tendências integrativas: intuição, síntese, pensamento não linear, conservação, cooperação e parceria. Essa nova percepção da realidade teve início com uma mudança drástica ocorrida na física no princípio do século XX em decorrência das novas teorias acerca da natureza da matéria. A exploração de mundos atômicos e subatômicos atordoou muitos cientistas no começo do século. Segundo Capra:

em seus esforços para apreender essa nova realidade, os cientistas ficaram dolorosamente conscientes de suas concepções básicas, sua linguagem e todo o seu modo de pensar eram inadequados para descrever os fenômenos atômicos. Seus problemas não eram meramente intelectuais, mas alcançavam as proporções de uma intensa crise emocional e, poder-se-ia dizer, até mesmo existencial. (CAPRA, 2004, p.24).

Como podemos ver a visão sistêmica não se deu aleatoriamente, ela se construiu através de rupturas contínuas e revolucionárias chamadas de “mudança de paradigma”. A noção de *paradigma científico* foi elaborada por Thomas Kuhn em 1962, que definiu o termo como uma constelação de realizações - concepções, valores, técnicas, etc.- compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos.

A concepção biológica de *organização* substituiu a ideia de *função* através da moderna medicina experimental, fundada por Claude Bernard, primeiro cientista a assinalar que cada organismo tem um meio ambiente interno. Biólogos organísticos não tardaram a descobrir a existência de “relações organizadoras” nos organismos vivos provando que o todo é muito mais que a soma das partes.

Essa mudança representa a mudança do pensamento mecanicista para o pensamento sistêmico: compreensão de um fenômeno dentro de um todo maior. Podemos traduzir o pensamento sistêmico como a ideia de que as propriedades essenciais de um organismo são as propriedades do todo, que nenhuma das partes possui; elas surgem das relações e interações entre as partes. A física quântica entendeu que as partículas não são coisas, mas interconexões entre coisas, e estas por sua vez são interconexões entre outras coisas... em suma: não há partes em absoluto, há apenas uma teia de relações interdependentes.

Essa mudança de paradigma, segundo Capra (2004), não ocorreu somente na física, mas sim em todas as áreas do conhecimento alterando inclusive o paradigma social, concebido como as concepções, valores, percepções e práticas compartilhadas por uma comunidade, construindo uma visão particular da realidade e influenciando a maneira como esta se organiza. A arte, assim como a filosofia e a ciência, formas criadas pelo homem para compreender o mundo, também passa por esta revisão de paradigma.

3 REPRESENTAÇÃO: O PARADIGMA DA ARTE

Para Bourriaud o século XX carregou em si uma fase de transitoriedade artística, uma vez que a arte se deparou com uma luta de três diferentes visões de mundo: uma concepção racionalista, outra calcada na filosofia da espontaneidade e uma terceira que

propunha a libertação através do irracional. Todas as visões, em maior ou menor grau, não têm como foco as relações humanas, abrindo espaço para numerosas formas de melancolia. O caráter melancólico surge diante de um panorama em que a sociedade elege como sujeito ideal aquele que perfeitamente se enquadre no papel de consumidor de coisas, tempos e espaços. Sob essa ótica, tudo que não seja comercializável está fadado a desaparecer, tudo que não se enquadre como espetáculo, inclusive as relações humanas, não é digno de representação.

A representação foi durante muito tempo o alicerce da história da arte; mudanças ocorreram do ponto de vista da recepção, em alguns momentos mais contemplativas, outras mais reflexivas, mas a representação constituiu - em certa medida ainda constitui - o grande paradigma da arte. A ruptura de um paradigma nunca é algo sincronizado e uníssono e, como tal, o embate continua na arte atual. Artistas que procuram romper a barreira representativa têm ainda hoje dificuldade em obter legitimidade por seu fazer artístico. O novo paradigma se constrói com propostas que visam reverter o modelo dominante da espetacularização, no qual tudo é passível de consumo. O novo artista recusa-se a simplesmente habitar o mundo, quer construir outro modelo de existência e vê a obra como interstício social.

Nicolas Bourriaud acredita que a ausência de discurso teórico acerca das novas práticas dificulta ainda mais essa legitimação, que identificar e nomear as novas manifestações artísticas - que não mais representam a realidade e sim a apresentam - abre espaço para a reflexão sobre a arte contemporânea e seu papel no século XXI. Nesse sentido, o crítico intitula “estética relacional” o novo espaço de inter-relações entre produtor, obra e público. Na estética relacional o fazer artístico se configura por táticas operacionais que provocam a participação reflexiva do público que, por sua vez, é agenciada pelo artista.

Para compreender os princípios da estética relacional precisamos adotar uma concepção lacaniana de criatividade, entendendo-a como uma relação entre três campos: o simbólico, o imaginário e o real. Para Lacan o real é totalmente desconhecido por nós; o simbólico são as impressões que vamos construindo acerca do mundo no intuito de dar-lhe sentido; já o imaginário permite inúmeras possibilidades e não requer explicação racional.

A criação artística traz para a realidade algo do real, portanto desconhecido por nós que vivemos em um mundo simbólico. Lacan fala do entrelaçamento entre o real, o simbólico e o imaginário e entende o ato de criação como a projeção de algo que ainda não existe em nosso mundo simbólico. A concepção da realidade como algo institucionalmente reconhecido e passível de percepções mais ou menos aguçadas é uma ideia convergente entre a física e a arte no século XXI. No momento em que a física identifica um problema de percepção

humana insistindo em enquadrar informações novas, buscando reconhecimento naquilo que já está armazenado anteriormente na mente, abre caminho para uma *conversa* com a arte. Arte entendida como fazer estético que busca reinventar o cotidiano, alterar a lógica aparente e questionar a continuidade daquilo que elegemos como realidade.

O trabalho artístico da francesa Sophie Calle é mostra de uma proposta estética relacional. Em episódio recente a artista expõe o recebimento de um e-mail pessoal em que lhe é imposto um rompimento amoroso; convida 107 mulheres a responder a correspondência, expondo-se e permitindo uma discussão e reinterpretação de sua própria intimidade. A exposição *Cuide de você* (Figura 1) mostra as fotografias, análises ou simples respostas dadas pelas 107 mulheres e nos convida a pensar sobre a vulnerabilidade da condição humana. O foco não reside propriamente nas respostas dadas ao e-mail de rompimento, mas no embaralhamento de emoções e percepções de quem acompanha a situação e se projeta nela tendo vários pontos de vista a considerar.



Figura 1: Sophie Calle, no MAM, Rio de Janeiro (Crédito: Caru Ribeiro)

Fonte: <http://www.cultura.rj.gov.br/materias/sophie-calle-ganha-exposicao-completa-no-mam>

O acadêmico Fernando do Nascimento Gonçalves, em artigo publicado na Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, assim interpreta o trabalho de Calle após uma visita à exposição *Cuide de você*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2010:

nesse processo de enredamento, chamou particularmente minha atenção o modo como ocorre o agenciamento dessas múltiplas vozes: a artista muito habilmente cria um circuito de criação coletiva, arruma os discursos e os distribui como elementos plásticos e estéticos. Estes, por sua vez, vão gerar outros tipos de percepção do fato que originou a obra. Finalmente, nessa rede discursiva, as vozes vão poder circular, produzir e engajar outros discursos (como a deste pesquisador, por exemplo). (GONÇALVES, 2010).

O artista relacional procura entrar no mundo simbólico do outro a fim de produzir mudanças na realidade, ele tentará a todo custo materializar algo do real que ainda não está disponível no simbólico, transformando-se em um experimentador que transita numa zona de mediação ideológica - economia, religião, filosofia, política - e trabalha para aprimorar nossa percepção da realidade. Nesse novo papel de artista como gestor de uma proposta, o público é corresponsável pela obra, tida como *dispositivo*, terminologia usada por Bourriaud para evidenciar esse potencial artístico de reinvenção do cotidiano através de descontinuidades em relação aos objetos, ao outro ou a si mesmo.

A cerveja *FreeBeer* (Figura 2), criada pelo grupo dinamarquês Superflex, é outro exemplo de dispositivo que se converte em arte relacional. A bebida criada pelo coletivo é baseada na cerveja tradicional acrescida de guaraná para o aumento de energia natural. A publicação da receita da cerveja permite que qualquer pessoa possa fabricar sua própria bebida, ganhando dinheiro sem remunerar os criadores do projeto. A única exigência é a publicação da receita nas mesmas condições, caso esta sofra alguma modificação ou aprimoramento.



Figura 2: Free Beer, feita no Brasil pela Cervejaria Germânia (Crédito: Heine Pedersen)

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2711200701.htm>

São nessas ações cotidianas que o artista busca espaço na instituição Arte. Através de uma prática mais colaborativa ele resgata ou reformula a história do local em que atua, partindo do pressuposto de que ele mesmo é parte de um sistema maior, de que interagir generosamente nesse sistema aprimora nossa ecologia ambiental, social e humana.

Esse comportamento voltado para a colaboração quebra a trindade: autor-público-obra e permite ao artista atribuir para si uma nova função: organizar a sensibilidade da coletividade para que possamos agir em prol de interesses mútuos. A arte relacional atua

numa visão sistêmica de mundo, haja vista que seus espaços são diluídos e intervêm nos antigos binômios: natural x cultural, público x privado. Tudo que possamos fazer ou deixar de fazer influencia o mundo, pois somos parte de um grande sistema vivo.

A teoria sistêmica, porém, está longe de ser uma unanimidade no século XXI, pois o mundo ainda está bastante mergulhado em concepções capitalistas voltadas para o consumo. Para o historiador Jesús Carrilo o problema com a maioria das visões pós-modernas é a falta de posicionamento ético, político e estético. Essa despreocupação em relação ao outro vai aos poucos degradando as relações ambientais, sociais e humanas. Uma questão ética se impõe aqui: o artista, como integrante deste grande sistema vivo que abriga outros sistemas não menos importantes, tem a função de transitar entre o real e o simbólico, mesmo consciente de que ele próprio desconhece o real e pode apenas relacionar-se com o outro para que possam juntos perceber a realidade de maneira diferente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ambientais ocorridas no Planeta Terra costumam preocupar pessoas no mundo todo. No entanto, ainda é relativamente pequeno o grupo de pessoas que compreende que seres humanos, suas relações com os outros e com o espaço em que habitam são indissociáveis. Os desequilíbrios que nos assombram com frequência cada vez maior são de diversas ordens e exigem atitudes interligadas visando o combate à nossa própria deterioração. Conforme Guattari:

as formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender esta problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a qual chamo de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (GUATTARI, 1990, p.8).

O artista pode, de forma ingênua ou deliberada, legitimar a ideologia posta pelo antigo paradigma mecanicista. Trabalhos artísticos vinculados à visão sistêmica têm como finalidade propor que as pessoas reflitam como elas participam, corroboram ou reagem às degradações ambientais, sociais e humanas cada vez mais frequentes; perceber possibilidades de solução em si mesma, e não somente no outro. É nessa arte socialmente engajada que o real e o simbólico tem maiores chances de dialogar.

As questões trazidas pela estética relacional frequentemente despertam dúvidas sobre o que as diferencia dos embates sociológicos, ambientalistas ou políticos. Muitos são os críticos que, apesar de considerarem profícuas as discussões ocasionadas pela arte relacional, se perguntam se estas manifestações poderiam de fato ser chamadas de arte. Pensar o conceito de arte sob padrões de exclusão é uma antiga prática mecanicista. É como se dissessemos: não é ativismo político, nem ambientalista, não tem objetivos puramente sociais, não tem função específica... não se encaixa nisso, nem naquilo... portanto é arte.

Tal visão é um tanto quanto reducionista, pois desconsidera o processo, estando ainda bastante ligada ao produto. Na visão da teórica Nina Felshin (1996) as novas práticas podem ser tratadas como *ativismo cultural*: uma mistura de arte, ativismo político e movimentos sociais. O ativismo cultural surge para dar voz e visibilidade a quem não as tem, conectando a arte com um público mais amplo. Embora haja nomenclaturas distintas, há em comum o caráter extremamente processual que cobra significado em seu processo de realização e recepção, produzindo modificações tanto na comunidade quanto no artista, demonstrando, acima de tudo, novo respeito pelo público.

Com o público passando a ter sua voz respeitada, a arte foge do lugar comum, do consenso, do simbólico instituído, abrindo espaço para a verdadeira diversidade. Uma diversidade que não busca simplesmente tolerar a opinião do outro, e sim respeitá-la de fato, admitindo a possibilidade de considerá-la. A arte pode então colaborar para o aprimoramento das relações em seus muitos formatos. Guattari lembra que “longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o *dissenso* e a produção singular da existência. (GUATTARI, 1990, p.33).

O contexto artístico aqui apresentado não provocará sozinho mudanças ambientais, sociais ou humanas. Ele é apenas parte de um sistema dinâmico e articulado. Nesse sistema, os artistas que atuam com a estética relacional têm clareza sobre suas opções em relação à arte: ela serve para que as pessoas saiam do processo diferente do que entraram. Mudar a forma de pensar, agir de forma colaborativa ou perceber o mundo com outros olhos dependerá de inúmeros outros fatores, pois as chances de afetarmos ou sermos afetados é infinitamente maior quando não atuamos isoladamente. A arte, a ciência e a filosofia são componentes que contribuem com o todo, são partes do todo; vale lembrar que o todo é sempre mais que a soma das partes.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Paloma; CARRILO, Jesús; CLARAMONTE, Jordi; ESPÓSITO, Marcelo (orgs.). *Modos de hacer*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2001.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FELSHIN, Nina. *But it is Art? The spirit of art as activism*. Seattle: Bay Press, 1996.

GONÇALVES, Fernando. Cuide de você: comunicação e estética relacional em Sophia Calle. *Revista Compós*. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_fernando_goncalve_s.pdf, acesso em 11/01/2012.

GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. Campinas/SP: Papirus, 1990.